



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

EDSON DA SILVA DUTRA

**DISCURSOS CONSTITUINTES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO VÍDEO “AMOR
QUE DÓI” DO CANAL POLICIAL INVISÍVEL**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022**

EDSON DA SILVA DUTRA

DISCURSOS CONSTITUINTES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO VÍDEO “AMOR QUE DÓI” DO CANAL POLICIAL INVISÍVEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades (DLHA) – Campus IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José de Melo.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D978d Dutra, Edson da Silva.
Discursos constituintes da violência doméstica no vídeo "amor que dói" do canal policial invisível. [manuscrito] / Edson da Silva Dutra. - 2022.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Rafael José de Melo , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Discursos constituintes. 2. Violência doméstica. I. Título
21. ed. CDD 362.83

EDSON DA SILVA DUTRA

DISCURSOS CONSTITUINTES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO VÍDEO “AMOR QUE DÓI” DO CANAL POLICIAL INVISÍVEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades (DLHA) – Campus IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José de Melo.

Aprovado em: ___29___ / ___11___ / ___2022___

BANCA EXAMINADORA

Rafael José de Melo

Prof. Dr. Rafael José de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Eianny Cecília de A. P. e Almeida

Profa. Me. Eianny Cecília Abrantes Pontes e Almeida
Examinadora – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Keila Lairiny Câmara Xavier

Profa. Me. Keila Lairiny Câmara Xavier
Examinadora – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2022**

Dedico este trabalho:

Primeiramente, a Deus, por me dar forças para lutar e conquistar meus objetivos e permitir a realização desse feito: concluir um curso superior, e, mais ainda, por me permitir vencer os obstáculos;

Às pessoas, próximas a mim, que com amor e apoio sempre estiveram e estão ao meu lado, minha mãe Jacinta, minha vó Maria e meu pai Edifran.

AGRADECIMENTOS

Os sentimentos que me descrevem hoje são os de gratidão e os de orgulho por tudo que já vivi e vivenciei em minha formação superior. Olho para trás e revivo todas as memórias desta trajetória: ingressei na universidade ainda bem jovem, cheio de sonhos e faminto para vivenciar as melhores experiências que a universidade pudesse me proporcionar, era o anseio de me tornar bom profissional diplomado. Hoje, com uma maturidade mais aguçada, se comparada ao Edson do início do curso de Letras, percebo que conquistei o almejado.

Sempre acreditei que os meus estudos seriam uma forma de mudar a minha realidade de vida, por isso, me dediquei bastante para que isso pudesse acontecer, porém, eu tinha certeza que só a minha dedicação aos estudos não seria suficiente para a realização desse sonho. Por diversas razões, agradeço imensamente ao apoio da minha mãe Jacinta e minha vó Maria que mesmo com tantos sacrifícios me ajudaram, me incentivaram e me deram o sustento necessário para que esta caminhada se tornasse possível.

Agradeço ao meu Pai Edifran Dutra de Almeida, que mesmo não estando, em muitos momentos, comigo fisicamente se fez presente apoiando-me e dando-me forças para que eu não a desistisse.

Agradeço aos meus colegas Ana Mércia, Deusicleide e José, que foram meus parceiros em muitos trabalhos acadêmicos, e que a partir de nossos encontros pude me tornar conhecedor da história de vida e de superações de cada um, o que fez com que minha admiração e respeito por vocês aumentasse.

Agradeço a minha grande amiga Jordânia, com quem criei uma amizade linda e que juntos construímos muita força, apoio e respeito mútuo, além de me proporcionar momentos de muita alegria. Obrigado por sempre acreditar e torcer por mim. Você foi extremamente essencial na minha trajetória de formação acadêmica.

Quero agradecer também aos meus amigos Witalo, Danielle, Andreyana, Taiza e demais colegas, com vocês a caminhada se tornou mais leve e feliz.

Agradeço também a todo o corpo docente da UEPB, no qual contribuiu de forma significativa e eficaz com os conhecimentos necessários para uma boa formação profissional, além de uma boa instrução para os desafios da vida.

Por último, e não menos importante, quero agradecer, em especial ao meu orientador Rafael José de Melo que foi de extrema importância durante toda a

trajetória do curso, mas principalmente neste etapa final, com sua dedicação e paciência para mediar e me orientar num trabalho tão importante quanto este.

A todos e a todas, meu muito obrigado.

RESUMO

A partir da inquietação em relação às desigualdades de gênero instauradas através dos discursos machistas, o presente trabalho tem como objeto de estudo a análise dos discursos constituintes de/sobre as mulheres submetidas à violência doméstica no vídeo “AMOR QUE DÓI” do canal Policial Invisível. Trata-se de uma pesquisa que busca refletir sobre o poder que os discursos exercem nos sujeitos dando-lhes as condições de justificar as agressões domésticas contra a mulher. Nesse ínterim, os discursos constituintes dessas falas são fundamentais por apontarem para enunciados outros recheados de ideologias e valores. A pesquisa, portanto, tem caráter bibliográfico e é de cunho qualitativo-analítico por entrecruzar aportes teóricos linguísticos com os estudos de gêneros. São fundamentos neste trabalho as reflexões de Maingueneau (2015, 2016), Foucault (2014), Machado (2001) e Butler (2003). As análises apontam que tanto agressores quanto agredidas estão submersos em discursos que delinearão seus lugares e posições na sociedade, no ciclo familiar e, especialmente nas relações conjugais.

Palavras-chave: discursos constituintes; agressões domésticas.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the speeches presented in three reports that constitute the video “Amor que hurts”, from the Policial Invisível channel. It is a research that seeks to reflect on the power that the discourses exert on the subjects, giving them the conditions to justify the domestic aggressions against the woman. In the meantime, the constituent discourses of these discourses are fundamental for finding other statements filled with ideologies and values for enunciations. The research, therefore, has a bibliographical character and is of a qualitative-analytical nature, as it interweaves linguistic theoretical contributions with genre studies. This work is based on reflections by Maingueneau (2015, 2016), Foucault (2014), Machado (2001) and Butler (2003). The analyzes point out that both aggressors and victims are submerged in discourses that outline their places and positions in society, in the family cycle and, especially in marital relationships.

Key words: constituent discourses; domestic assaults.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DO DISCURSO E DO PODER CONTIDO NELES	11
2.1 Discursos constituintes: diálogos e interações	13
3 “AMOR QUE DÓI”: UM DISCURSO CONSTITUÍDO.....	16
3.1 “PROTEGIDO DA MAMÃE”: DISCURSOS ENTRECruzADOS	16
3.2 “CHEGOU LEÃO, SAIU GATINHO”: UM CASO DE PODER.....	19
3.3 “EDWARD MÃOS DE TESOURA”	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1 INTRODUÇÃO

Partindo da inquietação acerca da distinção de valores atribuídos a homens e a mulheres na sociedade, o presente trabalho tem como objetivo refletir como ocorreu/ocorre esse processo de desigualdades entre ambos os sexos. Nesse sentido, a análise a respeito dessa temática, pode levar a compreender o porquê dos homens terem muitos “privilégios” ao longo da história, enquanto as mulheres ocuparam um espaço de submissão e inferioridade em relação ao masculino. Sendo assim, este trabalho tem como objeto de estudo a análise dos discursos constituintes de/sobre as mulheres submetidas à violência doméstica no vídeo “AMOR QUE DÓI” do canal Policial invisível.

Dessa forma, a pesquisa está centrada nas três ocorrências de agressões que compõem o vídeo. Ocorrências estas intituladas, respectivamente, como “Protegido da mamãe”; “Chegou leão, saiu gatinho” e “Edward mãos de tesoura”, nas quais há questões importantes acerca do debate quanto às faces assumidas pela violência contra a mulher, na sociedade atual, que ainda continua a reduzindo a um objeto do discurso sociocultural machista que ressalta o ser masculino. Esse debate está intimamente ligado ao que a professora Lia Zanotta Machado reflete em sua pesquisa “Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea”:

A escolha do lugar da reflexão sobre a masculinidade, centrada em sujeitos que participam de relações violentas e são agentes de violência física, com certeza, enfatizará, ou melhor, fará aparecer às armadilhas que os valores da concepção sobre a posição masculina tendem a oferecer aos sujeitos sociais. O masculino, tal como vivenciado por sujeitos enredados nas relações violentas, parece tender a ficar preso às armadilhas de se confundirem e se identificarem e representarem a lei e a potência, como se a elas não precisassem se submeter (MACHADO, 2001, p. 5).

Isto é, o lugar de reflexão sobre os sujeitos, cujos comportamentos são agressivos para com o sexo oposto. Em outras palavras, a autora argumenta sobre a importância para o despertar da consciência masculina de que o pensamento machista e preconceituoso, histórico e cultural só os circunscrevem na esfera dos seres violentos e irracionais, o que provoca, em muitos dos casos, a capacidade de desenvolver indivíduos capazes de manter relações pacíficas com o gênero feminino. Por esse caminho, entende-se que há a necessidade de se discutir esta

temática, mesmo já havendo diversas pesquisas e resultados. É imprescindível a presença do ser masculino em relação dialógico com o feminino, independente das circunstâncias, tendo em vista que a cultura na qual estamos inseridos tem propagado fortemente a ideia de que o sexo masculino tem poder sobre a mulher, sobretudo quando se trata das relações conjugais, nas quais o homem pensa que a mulher é sua propriedade e, por esta razão, lhe deve submissão e obediência. Esta discussão, ainda, é de importância equivalente tanto para homens quanto para mulheres, haja vista que em nossa cultura instaurou-se um machismo não apenas nos homens, mas também por parte de algumas mulheres contra elas mesmas.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica com base nas leituras sobre teóricos cujo estudos baseiam-se em análise de discursos, como, a citar, Maingueneau (2015, 2016), Foucault (2014), além das teorias de gêneros de Machado (2001) e de Butler (2003). Dessa forma, as junções dessas teorias corroboraram para uma discussão da análise do vídeo AMOR QUE DÓI, buscando a compreensão do poder que os discursos mantêm uns com os outros e têm sobre as agressões domésticas apresentadas nos vídeos.

Assim sendo, o presente trabalho se divide em dois tópicos, o primeiro, intitulado “Análise do discurso”, aborda teorias discursivas nas quais são imprescindíveis para uma interatividade social. Ao encontro disso, é abordado também a concepção de discursos constituintes, os quais têm como princípios uma auto e heteroconstituição, ou seja, prezam pela diferenciação e autonomia em relação aos demais discursos.

No segundo capítulo, intitulado “AMOR QUE DÓI”, tem-se a descrição e as análises das ocorrências do vídeo, mostrando falas das vítimas, agressores e policiais. E, por último, encontram-se as considerações finais da pesquisa e as referências.

2 DO DISCURSO E DO PODER CONTIDO NELES

As teorias discursivas que servem de base teórica para as análises dos vídeos, asseveram: “Considera-se que falar é uma ação sobre o outro, e não apenas uma representação de mundo” (MAINGUENEAU, 2015, p. 25), isto é, a partir do momento em que existe um sujeito interagindo com um outro, existe uma língua e um discurso moldados a situação enunciativa e de interação. Em todo caso, a língua se propaga e se solidifica através dos discursos, interferindo diretamente na vida das pessoas:

Qualquer enunciação, mesmo que produzida na ausência de um destinatário ou na presença de um destinatário que parece passivo, se dá em uma interatividade constitutiva. Qualquer enunciação supõe a presença de outra instância de enunciação, em relação à qual alguém constrói seu próprio discurso. (MAINGUENEAU, 2015, p. 26).

Assim sendo, a enunciação acontece através de uma interatividade constitutiva. Nessa diretriz, mediante a existência de uma sociedade, é notória a necessidade de um dialogismo para que essas enunciações se façam presentes, e, isto significa que o outro é parte constitutiva do “meu” dizer, quer seja de concordância quer seja de oposição/discordância. Além disso, Maingueneau (2015) afirma que os discursos são construídos para alcançarem um destinatário e que esse destinatário também poder ser um interactante passivo, assim como há o interactante que é possuidor de uma voz/discurso que detém um poder sobre o outro. Fato este, que será mostrado na reportagem em debate aqui.

Os discursos enraizados pelos interactantes em contextos de agressão contra a mulher, os agressores são os próprios dominadores os responsáveis pela ação e, de certa forma, pela manutenção do pensamento de que o homem manda. São discursos provenientes de uma sociedade patriarcal. Dessa forma, os sujeitos proliferam enunciados machistas, com os quais machucam verbalmente as mulheres, e, por consequência desencadeia agressões físicas e feminicídios, crimes constantes no Brasil atual. Em contrapartida, o sujeito feminino tem estado circunscrito em um discurso de luta e resistência. Todo discurso encerra em si outros discursos participando de sua constituição, “[...] qualquer enunciação é dominada por um interdiscurso que a atravessa sem que ela se dê conta disso”

(MAINGUENEAU, 2015, p. 28). Em situações em que os interactantes possuem uma fala de dominação sobre a mulher, ou um certo poder de coação, eles apresentam em seus enunciados indícios de machismo, e, às vezes, de preconceito também, pois são discursos atravessados por outros discursos já reproduzidos, e, assim, segue-se um ajuntamento de interdiscursos que agridem a integridade física e moral da mulher.

Para Maingueneau (2015, p. 57), “no nível mais imediato, o caráter crítico de uma pesquisa em análise do discurso se manifesta por meio dos objetos de estudo que ele escolhe: racismo, sexismo, antissemitismo, facismo.” A partir dessa diretriz, tem-se que os discursos que objetificam e inferiorizam o sujeito feminino podem ser vistos como uma materialização do sentimento de posse do indivíduo masculino, o machismo. Isto é, o homem cresce na maioria das vezes em um ambiente machista e de muita violência simbólica para com as mulheres, no qual interioriza como verdade e caminho a ser seguido.

As consequências que esses discursos provocam são iniciadas a partir do momento em que há uma grande diferença no tratamento em que homens e mulheres são formados mediante as instruções da sociedade e de seus dirigentes. À medida com a qual foi convencionada que homens necessitam serem instruídos a construir uma carreira profissional, ou, até mesmo, orientados para serviços nos quais são ditos como afazeres masculinos, que exigem maior esforço físico. No geral, essas são as funções destinadas ao homem.

Em contrapartida, no que se refere ao sujeito feminino, este tem uma função diversificada e desprestigiada, uma vez que, as mulheres são orientadas desde novas a buscarem ensinamentos acerca de atividades domésticas, para que, assim, possam ser boas esposas, na condição de servir os seus companheiros e cuidar dos filhos. Consequentemente, essas atividades realizadas por elas demandam bastante tempo e provocam exaustão. Pois, as mulheres conciliam uma jornada dupla de trabalho: a do lar, e, a remunerada pela prestação de serviço fora de casa.

Nesse sentido, “o estudo do discurso possui uma força crítica simplesmente pelo ato de contestar algumas convicções enraizadas na ideologia espontânea dos locutores” (MAINGUENEAU, 2015, p. 60). Em outras palavras, o autor reitera a importância que a análise do discurso tem para quando se quer observar as relações dos discursos em situações conflituosas como a problemática delineada neste trabalho. É a partir da reflexão dos enunciados reproduzidos em massa na

sociedade que se pode questionar o porquê dos sujeitos propagarem discursos cheios de ideologias aparentemente homogêneas na tentativa de silenciar aqueles que são frágeis diante da violência-força do outro, são de alguma forma dependes desses sujeitos usurpadores porque seus enunciados são capazes de agir de forma naturalizada, atingindo inclusive outras pessoas:

A análise do discurso tem uma força crítica, mesmo que os pesquisadores não se interessem por temas sensíveis como o machismo e o neocapitalismo, mesmo que eles não considerem que as ciências humanas e sociais devem estar a serviço de uma emancipação (MAINGUENEAU, 2015, p. 59).

A partir do exposto, tem-se que a análise do discurso tem um poder de criticidade diante de várias circunstâncias e temas sociais aquilo que está acontecendo na sociedade, ou seja, a partir do que oferece a análise do discurso como método de análise ou caminho de perceber o jogo da linguagem entrecruzado nos dizeres que se pode observar com outros olhares o cenário atual das relações conflituosas entre o homem e a mulher. Assim sendo, a problemática aqui discutida provoca divergências de opiniões, conseqüentemente o duelo de discursos discordantes ou concordantes. Tudo caminha para uma possível emancipação dos sujeitos oprimidos, no caso específico, as mulheres que convivem com homens em espaços discursivos castradores da dignidade da mulher. Assim, entende-se que mediante a análise discursiva e o estudo dos discursos constituintes, expostos e debatidos no capítulo seguinte pode ser suscitada a possibilidade de uma emancipação na qual haja a tomada de um lugar interior ao sujeito das envolvidas nas agressões, isto é, a libertação das mulheres diante dos preconceitos e do machismo enraizados na sociedade e reproduzidos em todos os lugares através de micro ações empenhadas pelos homens, nos espaços em que é exercido o micropoder.

2.1 Discursos constituintes: diálogos e interações

Os discursos constituintes estão intimamente relacionados ao estudo da análise do discurso, o qual foi discutido no tópico anterior. No entanto, embora estejam entrelaçados, há distinção acerca desses dois campos de estudo: a análise do discurso e os discursos constituintes. Enquanto a análise do discurso se encontra

numa situação mais abrangente diante dos temas sociais que se fazem presentes na sociedade, os discursos constituintes possuem uma especificação: “Os discursos constituintes possuem, com efeito, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras” (MAINGUENEAU, 2016, p. 6), são discursos marcados por uma singularidade na qual, mesmo que as zonas de falas que pertencem a este campo de estudo sejam atravessados e atravessem outras zonas discursivas, os discursos constituinte têm a pretensão de predominar sobre as demais falas:

Pode-se então falar aqui de uma categoria propriamente discursiva que não se deixa reduzir nem a uma grade estritamente linguística, nem a uma grade de ordem sociológica ou psicossociológica. Tais discursos partilham numerosas propriedades ligadas a sua maneira específica de se inscrever no interdiscurso, de fazer emergir seus enunciados e de fazê-los circular (MAINGUENEAU, 2016, p. 6).

Assim sendo, esses discursos possuem propriedades únicas em sua forma discursiva, embora façam circular seus discursos entre outros, mediante as existências de ordens linguísticas que regem não somente determinados enunciados e suas relações inter e intradiscursos, mas também sua estrutura linguística não se deixando reduzir a forças alheias a rede a qual se ligam, uma vez que atestam sua existência e “impõem” sua existência no acontecimento discursivo e circunstâncias que irromperam seu surgimento.

De forma geral, os discursos se caracterizam a partir de três tipologias: as tipologias linguísticas, as tipologias funcionais e as tipologias situacionais. As tipologias linguísticas possuem uma independência em relação às finalidades dos discursos. As tipologias funcionais, por sua vez, se contrapõem à tipologia anterior, pois são caracterizadas por uma divisão de discursos diante de uma finalidade. E, por último, as tipologias situacionais, cujos discursos se adequam mediante os gêneros textuais, como, por exemplo, os discursos políticos, midiáticos, literários, entre outros. No entanto, mesmo fazendo-se uso dessas três tipologias, a concepção dos discursos constituintes transgride-as, desprendendo-se, assim, de uma restrição de propriedades linguísticas:

Dissemos que a pretensão vinculada ao estatuto de discurso constituinte é de fundar e de não ser fundado. Ele é ao mesmo tempo auto e heteroconstituinte, duas faces que se supõem reciprocamente: só um discurso que se constitui tematizando sua própria constituição pode

desempenhar um papel constituinte para outros discursos (MAINGUENEAU, 2016, p. 6).

Nesse sentido, os autores asseveram que os discursos constituintes têm a função de fundar e de não ser fundado por outros enunciados, haja vista, serem discursos que desempenham finalidades comunicativas independentemente de outros enunciados. Em outras palavras, significa que este tipo de discurso se caracteriza de uma forma singular e buscando uma auto-organização linguística. Isso não quer dizer que esses enunciados não sejam atravessados por outros, uma vez que, há uma interação com outros discursos. Tudo se processa no interior do discurso numa rede de relações “harmônicas” resultando no discurso constituído deles:

Os discursos constituintes mobilizam o que se poderia chamar de archéion da produção verbal de uma sociedade. Esse termo grego, étimo do latino archivum, apresenta uma polissemia interessante para nossa perspectiva: ligado a archè, ‘fonte’, ‘princípio’, e a partir daí ‘mandamento’, ‘poder’, o archéioné a sede da autoridade, um palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas também os arquivos públicos. O archéion associa assim intimamente o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um corpo de enunciadores consagrados, e à elaboração de uma memória (MAINGUENEAU, 2016, p. 7).

Maingueneau (2016) mostram, através do termo grego “archéion”, a existência na fala de um poder sobre o outro, em que esse princípio de autoridade é constituído pelos discursos constituintes que legitimam as falas de outrem, provindos de diferentes espaços e surgimentos. Sendo assim, compreende-se que nos discursos constituintes há a presença de um corpo de enunciadores que são consagrados por um poder discursivo em relação a um corpo de enunciadores inferiores referente aos atos discursivos.

Todavia, vale ressaltar o porquê do uso do adjetivo “constituinte” para nomear tais discursos. Para Maingueneau (2016), ele tem o poder de atribuir três valores semânticos para a expressão “Discurso Constituinte”. Visto que, a partir dessa expressão há um derivado nominal “constituição” no qual se debruça, em primeiro lugar, acerca da legitimação desses discursos. Em segundo lugar, caracteriza um modo de organizar elementos textuais, como por exemplo, a coesão e a coerência. E, por último, diz respeito à determinação de direitos de uma coletividade proferir palavras em um determinado lugar.

De modo amplo, entende-se que uma análise considerando o discurso através dos discursos constituintes põe em movimento fatores intradiscursivos que estão subtendidos na produção textual e, também, fatores extra discursivos nos quais são constituídos através das representações sociais de uma coletividade.

3 “AMOR QUE DÓI”: UM DISCURSO CONSTITUÍDO

Mediante o vídeo “Amor que dói”, do **canal Policial Invisível**, os próximos três tópicos irão tratar de forma reflexiva a representação dos discursos que modelam as agressões domésticas mostradas em três ocorrências policiais. Dessa forma, serão debatidos os discursos emitidos pelos agressores, pelas vítimas e, também, pelos policiais.

A primeira ocorrência se dá através de uma denúncia de violência física, entre um casal. A denúncia no vídeo foi relatada pela própria vítima. A polícia conseqüentemente foi em busca da casa do agressor, que havia fugido e acobertado pela sua mãe, por isso o título do vídeo da ocorrência ser denominado de “protegido da mamãe”.

A segunda ocorrência se processou devido ter havido uma briga de casal. No entanto, desta vez, houve a presença do agressor, fator importante para analisar suas falas e comportamentos diante da situação. O título “Chegou leão, saiu gatinho” mantém estreita relação com o comportamento e as falas que divergem nas relações: agressor/vítima, e agressor/polícia.

A terceira e última ocorrência mostra a agressão numa relação conjugal. No entanto, neste caso, não foi concretizado a agressão física, porém, houve ameaças de violência física e agressões verbais, segundo o relato da vítima. Esta enunciação discursiva, por fazer uma analogia com o filme “Edward mãos de tesoura”, de Burton, 1990, é também nomeada com o mesmo título, devido a forma com que o agressor faz ameaça à vítima.

3.1 “PROTEGIDO DA MAMÃE”: DISCURSOS ENTRECruzADOS

A primeira ocorrência do vídeo, constituído por situações de violências domésticas, se trata de um acontecimento intitulado “Protegido da mamãe”. O vídeo

é iniciado com a denúncia de uma mulher recém-separada, a qual relata que sofreu agressão física pelo seu ex-companheiro. O motivo da agressão foi a não aceitação do sujeito com o fim do término do relacionamento. Seguem-se as falas em que demonstram a agressão:

Polícia: 'Tá separada dele quanto tempo?'

Vítima: 'Uma semana. Aí ele foi buscar as coisas dele, e não satisfeito quis quebrar minha cara.'

Irmão do agressor: 'Ele não tá aí não mano.'

Polícia: 'O familiar falou que ele não tá na casa dele, a mãe dele tá separando as coisas dele, inclusive seu celular tá lá.'

Vítima: 'moço ele acabou de subir.'

Em outro momento um dos policiais se dirige à vítima:

Polícia: 'Tem outra saída aí em cima?'

Vítima: 'Dá pra ele pular lá por cima. Tem um terreno lá.'

As transcrições acima revelam apenas a versão da vítima, junto a intervenção-diálogo dos policiais. A ausência do discurso do agressor se dá mediante a fuga do mesmo. A abordagem dos policiais aconteceu de forma pacífica, na tentativa de buscar o depoimento do agressor, porém, uma tentativa fracassada haja vista a fuga dele e a proteção da mãe para com o filho. De acordo com Machado (2001):

[...] A violência é sempre disciplinar. Eles não se interpelam sobre o porquê agiram desta ou daquela forma. Sua interpelação é apenas e somente sobre seus excessos: descontrole, bebida ou o 'eu não sei o que me deu'. O descontrole, o ficar 'transtornado' não constitui o ato violento. É a 'sua' função disciplinar que o constitui, cabendo à fraqueza, apenas os 'excessos'. Os espaços lacunares por onde se constroem os atos de violência, não são vividos como falta, mas como uma resposta rápida que deve dar a um 'não saber'. Os atos de violência parecem não interpelar os sujeitos agressores sobre porque afinal agrediram fisicamente, e se têm alguma culpa. São vividos como decisões em nome de um poder e de uma 'lei' que encarnam (MACHADO, 2001, p. 10).

Perceba-se que normalmente o agressor não se questiona ou se conscientiza sobre seus atos agressivos para com o outro. No que se refere as agressões entre parceiro e parceira, tem-se que a partir do momento em que a mulher não se coloca em uma situação de submissão para o seu parceiro, esta tem como contrapartida a violência simbolizando um ato corretivo para uma mudança de comportamento.

Nesta ocorrência, o ato corretivo foi o fato do sujeito não se conformar, aceitar, com o fim do relacionamento. Note-se que desfigurar o rosto da mulher significa, simbolicamente, fazer com que ela fique feia e não consiga mais um outro companheiro. Assim como pode significar tirar a sua altivez e o “atrevimento” em ousar expressar a quebra da relação amorosa, logo, o rosto desfigurado, “quebrado”, é não mais poder sorrir abertamente. Não importa a forma, a violência é sempre “disciplinar” para o agressor. A única questão que é interpelada aos homens quando indagados por outras pessoas acerca das agressões cometidas por eles é o motivo de terem cometidos tal ação. No entanto, as justificativas que fornecem são: “bebi demais”, “me descontrolei”, “não sei o que me deu”. Expressões que para eles justificam tais atos.

Nas falas transcritas, o entrecruzamento de discursos apontam os lugares de constituição de enunciados e sujeitos, num termo bakhtiniano, a instituição social a polícia, a família (o irmão do agressor) vivendo em um espaço físico e a agredida, como um sujeito de fora do ciclo familiar do agressor, tendo que se adaptar e viver em um ambiente onde todos se protegem, deixando-a de fora. Na sequência, tem-se:

Mãe do agressor: ‘sua safada’ (tenta agredir a vítima).

(Momentos depois a vítima se pronuncia após ver a reação da mãe do agressor)

Vítima: ‘Por isso ele vive aí, porque a mãe dele sempre passa a mão na cabeça.’

(Momento em que a policial feminina toma o turno de fala e fala para a agredida.).

Polícia: ‘Você tem que criar vergonha na sua cara e não voltar mais com ele, porque não adianta você chamar a polícia para vim aqui e depois você voltar com ele toda vez. Já te bateu já não deveria ter voltado’.

Observa-se que o cerne da questão se dá mediante o apoio que a mãe do agressor dá a seu filho, configurando, dentre outras questões, um discurso que traz em si a ideia de que a mulher é sempre a culpada, a responsável da “desgraça” do homem, independente do que ele faça. Está também nessa diretriz o pensamento de que a mulher deve silenciar e não denunciar, expor o homem, quando assim não se comporta, ela é “safada”. Por outro lado, a mãe reproduz ato violento, tão quanto as palavras proferidas por seu filho contra a ex-companheira. Dito de outra maneira, a mãe fica indignada pela denúncia que a ex-nora fez contra o seu filho, e tenta agredi-la. Configurando assim uma autoproteção com o filho e apoiando os erros

que ele cometeu. Além disso, há a intervenção de uma policial feminina sobre o caso, aconselhando a vítima a não voltar para o relacionamento, haja vista o relacionamento haver agressões, e ela já ter sido agredida outras vezes. O discurso da policial mulher está perpassado por outras enunciações, a citar, ocorrências semelhantes de mulheres que agem pelo calor do momento e voltam para os companheiros, repetindo o mesmo ciclo de agressão, etc.

Não obstante, compreende-se a ligação desses atos violentos, discursos, oriundos dos homens com as concepções dos discursos constituintes. Ou seja, tanto a forma discursiva que os homens verbalizam quantos as ações violentas que eles cometem com suas parceiras. Haja vista que, naturalmente, eles adotam o princípio do “archéion”, pois culturalmente a sociedade tem de forma solidificada um comportamento machista, pelo qual o homem subjuga a mulher, reduzindo-a. Comportamento este de sujeitos nos quais acreditam ser os detentores de um poder supremo, responsável pela ordem e pelos bons costumes, bem como pelo controle daqueles que não têm poder sobre si mesmo, como é o caso da mulher.

Os discursos que compõem “amor que dói” representam instâncias discursivas que apontam aspectos histórico-culturais enraizados nas culturas e no senso comum dos sujeitos.

3.2 “CHEGOU LEÃO, SAIU GATINHO”: UM CASO DE PODER

O segundo discurso trata da ocorrência intitulada “Chegou leão, saiu gatinho” a qual se configura como mais uma agressão doméstica conjugal. Esta ocorrência transcorreu após a recusa de um pedido do agressor. Segundo este, homem jovem, magro, de linguagem coloquial e cheia de gírias, justificou que a violência foi cometida pelo fato de sua namorada não ter feito o café da manhã após dormir em sua casa:

No imaginário modelar do ‘erotismo ocidental’, o lugar do masculino na relação heterossexual é pensado como o único que se apodera porque é o único que penetra. Poder-se-ia pensar, ao menos logicamente, que o sexo que se apodera é, não o que penetra, mas o que absorve, o que encompassa, o que traz para o interior, ou então que os dois fossem pensados como se apoderando um do outro. Contudo, é a primazia da penetração peniana que se tornou o ponto fulcral da identificação entre o único instrumento que se apodera sexualmente e o portador do sexo masculino como o sujeito e não o objeto da relação sexual. O distanciamento entre estas duas afirmações é

enorme, mas as analogias se fizeram fundantes no imaginário da sexualidade ocidental de longa duração (MACHADO, 2001, p. 6).

As atitudes do agressor para com sua ex-companheira relaciona-se com o que Machado (2001) discute. Este sentimento de apoderamento que o homem tem sobre a mulher vem desde a concepção de um “erotismo ocidental”, se tratando de um caso de violência sexual, a autora traz uma reflexão sobre o que é o autoritarismo que o homem tem sobre a mulher a partir de uma sensação de domínio nas relações sexuais entre o sexo masculino e o sexo feminino. Dessa forma, o homem tem esse sentimento de apoderação, pois essas atitudes de dominação remetem a um pensamento cultural machista em que o homem, sendo o ser penetrante nas relações sexuais, deve manter o controle e o domínio, por ser ele o suposto a gente no ato sexual, no corpo e na vida da mulher. Não obstante, seguem-se as falas que descrevem a narrativa do vídeo, nas quais está configurado o sentimento de apoderamento do homem sobre a mulher:

Agressor: ‘Não quis fazer meu café, é minha mulher, vai servir para quê só para me dar?’

Polícia: ‘Você chamou ela pra vim pra cá ou não?’

Agressor: ‘É conforme eu não tava bem, né, eu chamava pra vim aí na minha casa e tal’.

Polícia: ‘cê tá catando outras mina?’

Agressor: ‘Mas ela não sabe...’

Agressor: ‘tô falando assim porque eu sou superior, tenho minha casa, quem vem atrás é ela, não vou atrás dela não’.

Polícia: ‘Ela embaçou na sua por causa de quê?’.

Agressor: ‘Ah, hoje foi porquê... briga de casal mano, briga de casal mesmo, tá ligado?’

Polícia: ‘Não chegou a ter agressão? Você bateu a cabeça dela na parede?’

Agressor: ‘Ela foi falar um bagulho pra mim não aguentei, já pus a mão nela’.

Agressor: ‘Ela brigou, briga normal, nós acordou pá, ela não quis fazer uma parada lá que eu pedi pra ela fazer.’

Polícia: ‘Ela não quis fazer café pra você?’

Agressor: ‘Ela é minha mulher, ta prestando pra quê? Só pra vim me dá?... Eu falei pra ela: tá servindo pra quê? Só pra te comer? Cê é minha mulher não tá podendo fazer um café pra mim?’

Agressor: ‘Num tá podendo fazer um café quente pra mim de manhã?’.

Pelas falas transcritas, observa-se o quanto os preceitos da sociedade patriarcal atravessam os sujeitos. O homem internaliza os paradigmas e a partir deles se comporta com concepções machistas e faz uso da violência física para impor sua autoridade a outrem. É notória essas concepções machistas através do discurso do agressor mediante os questionamentos da polícia.

Polícia: 'Quando eu falo dessa forma dar impressão que estou concordando, mas na verdade isso é feito para que ele diga tudo o que aconteceu, reparem que ele se engrandece de ter feito o que fez'.

Polícia: 'Ele teve a moral de dizer que 'quebraria' ela de novo na nossa frente, beleza para a absoluta certeza falta pouco'.

Os policiais mantiveram durante o atendimento da ocorrência policial uma estratégia na qual ouviam de forma imparcial o depoimento do agressor, para que assim obtivessem ainda mais revelações da agressão. Após a abordagem na qual os policiais conseguiram extrair tudo o que era necessário para compreensão do ocorrido por intermédio da tática de não contrariar o agressor em seu discurso, pois, só assim, haveria a "revelação" para o sujeito-agressor que ele estava preso.

Polícia: 'Sabe qual o problema disso aí? Isso tudo que você tá falando pra mim aí? O problema que isso aí é crime que você cometeu e é inafiançável.'

Polícia: 'você tá me falando que bateu na mina, rapaz. Você tá afirmando que deu soco nela.'

Note-se que ouvir o outro é uma forma de saber sua forma de pensar. Coletar as informações nesse tipo de situação, antes de dar a voz de prisão, se constitui em um ato de respeito aos direitos do outro, não importando sua culpabilidade, assim como um procedimento padrão da instituição polícia em determinadas situações como a aqui descrita. As falas transcritas também demonstram o quanto o agressor se sente bem em relatar sua ação justificando que ele é o macho, portanto, quem manda e tem poder. São muitos os discursos ideológico-culturais resumidos no discurso do detentor da verdade. Conforme Machado (2001):

Ouvidos os agressores em relações conjugais violentas, é no contrato conjugal que buscam o sentido de seus atos violentos: são considerados atos 'corretivos'. Alegam que as mulheres não obedeceram ou não fizeram o que deviam ter feito em função dos cuidados com os filhos, ou do fato de serem casadas ou 'amigadas' (MACHADO, 2001, p. 10).

Deste modo, "Chegou leão, saiu gatinho" vai ao encontro da reflexão de Machado. Isto significa que o fato do homem bater em sua parceira pelo motivo da vítima se recusar a preparar um café para ele, só corrobora com o pensamento, pertencente a maioria dos homens, de que pelo fato deste está em um contrato conjugal com a mulher, a mesma lhe deve submissão e obediência, funções de uma

empregada. E, que se esta não cumpre com a subserviência imposta por uma sociedade patriarcal, o que lhe resta é a agressão física ou moral, se não as duas juntas, como forma de corrigi-la e mostrar-lhe o seu lugar e posição.

Com isso, no contexto de autoridade em que os homens internalizam concepções machistas oriundas de uma história cultural, observamos, exatamente, o que Butler (2003, p. 168) afirma: o “[...] conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como ‘fatos’.” Isto é, a partir de uma reprodução linguística que advém desde uma longa tradição da sociedade, é perceptível o quanto esses discursos entranhados na cultura fomentam o machismo e a exclusão da mulher, revelando-o através, não apenas das palavras, mas também nos atos violentos cometidos pelo sujeito masculino.

3.3 “EDWARD MÃOS DE TESOURA”

A terceira e última ocorrência do vídeo se trata também de uma violência conjugal. Porém, não chegou a ser concretizada uma agressão física propriamente dita; levando em consideração que o sujeito (homem da terceira idade e de linguagem coloquial) estava com um objeto em mãos como forma de ameaça à vítima (mulher de terceira idade e de linguagem coloquial). Entretanto, embora não tenha se realizada a agressão física, a situação se enquadra numa violência psicológica, de ameaças e brigas constantes:

Polícia: ‘Ele já chegou a te bater?’
Vítima: ‘Sempre me agrediu com palavras’.
Polícia: ‘Nunca te bateu?’
Vítima: ‘Não’.

No que se refere a esta situação é interessante entender o porquê da titulação do discurso. O título faz menção ao filme “Edward mãos de tesoura” de Tim Burton do ano 1990, no qual tinha como personagem principal Edward, uma criação estranha com tesouras no lugar das mãos, no qual surgiu a partir de um inventor que faleceu antes da finalização de sua invenção, deixando-o predestinado à solidão por ser uma figura distinta e temida.

Desse modo, é pertinente fazer uma breve descrição deste filme, pois algumas analogias são extraídas entre o filme e o caso relatado. Como, por exemplo, embora o personagem esteja condenado a uma solidão por se tratar de um ser que transmite temor, assim como o indivíduo real, para com sua esposa, transmitindo perigo ao mostrar uma tesoura, a narrativa surpreende ao inserir a personagem Peg, uma dona de casa, revendedora de cosméticos que decidiu explorar novos bairros para revender seus produtos, quando se encontra com Edward em um castelo distante, e, mesmo que o encontro com este tenha lhe causado certo medo, a personagem não se intimidou e logo estabeleceu um vínculo com ele e, assim, o incluiu na sociedade. Ou seja, Peg seria neste caso a semelhança da vítima, se distinguindo apenas pelo fato de que a relação de Peg e Edward não havia violência. A semelhança ressaltada é em relação aos cuidados que ambas têm. Peg com Edward, e a vítima para com o seu parceiro.

Tendo em vista que "[...] um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos [...]" (POSSENTI, 2003, p. 3), é interessante notar a intertextualidade realizada neste discurso. No diálogo adiante tem-se uma mulher decidida a tomar o controle de sua vida:

Polícia: 'A senhora vai continuar morando com ele?'

Vítima: 'Eu não. Vou arrumar um lugar e ele fica na casa, ele tem família dele.'

Polícia: 'Então, a senhora pode fazer um boletim de ocorrência contra ele, de ameaça, e separar é a melhor coisa que pode fazer.'

Vítima: 'Sim, é isso que vou fazer.'

Filho do casal: 'Eu já falei isso pra ela diversas vezes. Entra num ouvido e sai no outro.'

Vítima: 'É porque cuido dele, ajudo ele no que posso'.

Entende-se, portanto, uma relação de cuidado que advém de Peg para com Edward que é similar à relação do casal, a vítima e o agressor. Embora as pessoas no filme tenham o convívio com o personagem principal, Peg com o seu bom coração persistiu numa convivência com alguém que poderia, sem intenção, machucá-la mediante suas mãos serem cortantes. No vídeo da ocorrência policial, a similaridade acontece, uma vez que, mesmo que as pessoas aconselhem a vítima (como é o caso de um dos filhos do casal e a policial) a separar-se de seu parceiro, levando em consideração que o relacionamento é baseado em brigas e agressões verbais, ela reveste-se de um sentimento de piedade e conformismo com a situação que vive com ele. Ação que remonta o discurso da mulher patriarcal moldada pelos

paradigmas da igreja, em outras palavras, aquela que deve suportar tudo do marido sem reclamar ou deixa-lo, discurso absorvido pela agredida, razão pela qual ela resiste em realizar a separação:

Os valores do masculino e do feminino e de suas relações no contexto da conjugalidade foram ensinados e construídos ao longo de toda uma história ocidental, a partir da qual se consolidaram as ideias do masculino e feminino (nas vertentes 'normais', neuróticas e psicóticas) de longa duração, e que segundo a psicanálise, são pensadas como universais. Contudo, foram construídas historicamente, referenciadas fortemente aos séculos XIX e XX da modernidade ocidental, especialmente dos países centrais desenvolvidos (MACHADO, 2001, p. 12-13).

Consoante a citação, as concepções de masculino e de feminino nas relações conjugais foram construídas a base de uma longa história ocidental mediante aspectos "normais", neuróticos e psicóticos. No entanto, essas concepções foram referenciadas intensamente nos séculos XIX e XX. Sendo assim, compreende-se que as relações conjugais, atualmente, na maioria das vezes, refletem valores controversos entre homens e mulheres que advém de uma história antiga, mas que estes valores foram perpetuados de forma intensa, caracterizando a vivência e os comportamentos do que significa ser homem ou ser mulher na sociedade, sobretudo, nas relações de conjugalidade:

[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 1979, p. 241).

Sendo assim, mesmo que exista uma situação de poder de uma pessoa sobre outra, há também uma chance de resistir de alguma forma a esta configuração de domínio, através de estratégias específicas e precisas. Dessa forma, entende-se que por mais que a vítima do vídeo tenha seus motivos para não concretizar a separação, sejam estes motivos: problemas financeiros, dependência emocional, filhos, entre outros. Ela, caso queira de fato separar-se irá buscar uma forma de sair da situação que a domina e oprime. Porém, ela configura a mulher conformado com o casamento e com o que a sociedade determinou para o sexo feminino.

Dado o exposto, observa-se na primeira ocorrência, AMOR QUE DÓI, a percepção de que o machismo não se faz presente apenas nos sujeitos masculinos, mas também se encontra em vozes femininas como é o caso da mãe do sujeito

agressor. Na segunda ocorrência, AMOR QUE DÓI, é perceptível o machismo propagado de forma mais intensificada quando o destinatário se trata de uma mulher. Enquanto na última ocorrência, AMOR QUE DÓI é mostrado que o machismo vai além da agressão física, este movimento de poder exercido majoritariamente contra as mulheres se faz também na violência simbólica, nos comentários de inferiorização e agressões verbais, mesmo que ocorram de forma sutil. Portanto, o vídeo “Amor que dói” é composto por três situações distintas, apontando para uma mesma problemática: a violência e a diminuição do sujeito feminino em relação aos homens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo amplo, mediante as discussões acerca do vídeo “Amor que dói” foi observado o quanto os discursos atravessam o campo discursivo para situações reais de diversificadas violências para com a mulher. Haja vista, a conclusão de que os atos de violência e verbalização do machismo advêm da forma como esses discursos foram reproduzidos, internalizados e naturalizados pelas pessoas, pois historicamente elas aprenderam a se comportarem assim, e, a contestação desses discursos não tem grande valia, tendo em vista que o machismo se faz presente tanto na esfera privada quanto pública.

Além da contribuição da análise do discurso nas análises, foi mostrada também, nesta pesquisa, a concepção dos discursos constituintes como o cerne na constituição de um discurso. Nesse sentido, foi abordado o conceito do “arheión” cujo significado se expressa por meio de uma relação de poder de um grupo de enunciadores sobre outro, dessa forma, o princípio de “arheión” faz uma intertextualidade em concordância com o movimento machista que, por sua vez, atribui também propriedades de poder de um gênero sobre outro.

Por fim, as três situações descritas do vídeo convergiram para uma mesma finalidade, de que o homem subverte que o lugar da mulher é o de subserviência e também a usa como alvo de violências domésticas por estarem em um contrato conjugal com eles. Foram discutidos, ainda, contextos divergentes, mas que

retratavam o mesmo movimento de ignorância e suposto poder delegado ao homem sobre a mulher na sociedade atual.

Segundo Foucault (2014, p. 9-10), “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. Em outras palavras, esta reflexão do autor vai ao encontro do que se foi discutido neste trabalho, pois, ainda que pareça algo pequeno, o discurso é a base dos lugares nos quais se exercem o micropoder. Portanto, é verificada nesta pesquisa a supremacia do discurso como fonte de impulso para ações machistas, que acarretam em violências domésticas, considerando-se que é por meio da reprodução de discursos, estes construídos e propagados durante um longo período histórico, que se atribui aos homens o lugar de dominação, em cujo espaço as mulheres são atribuídas as funções de inferioridade e de submissão ao homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOR QUE DÓI. Youtube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/LXGWchKeuHI>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège de france**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violência: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Brasília: Série Antropologia, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 1-12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 24 abr. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. *In*: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR: [s. n.], 2003. p. 140-148. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observe%20o%20Interdiscurso.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.